

Cosmovisão no mundo grego

Ao longo das mais recentes aulas na Escola, percorremos parte dos maiores clássicos do teatro grego (Esopo, Eurípides, Sófocles e Ésquilo) e, ao longo dessas peças, tivemos a oportunidade de encontrar a mentalidade do século V a.C. Esse encontro nos ajudou a entender não apenas questões comportamentais – ainda que baseadas em ideias, ou seja, convicções inteligentes – como também a própria cosmovisão grega do período hoje conhecido como clássico.

A visão de mundo grega em tudo conecta o físico ao invisível, o material ao éter¹ e, assim, se distingue plenamente da visão de mundo moderna onde unir o físico ao invisível se tornou matéria de nichos religiosos e/ou espiritualistas. Entender as doenças como reações espirituais hoje é motivo de riso, mas na Grécia Antiga era a primeira conclusão, ainda que o motivo imaterial estivesse ligado a uma ação corpórea (como a ingestão de veneno ou a picada de uma serpente). Portanto, ter contato com a poesia grega é, antes de tudo, um exercício de ruptura mental no leitor moderno. E isso é excelente.

O drama em Ésquilo

Em *Sete contra Tebas*², temos um drama encenado quando da invasão de Tebas por um exército alienígena³, a peça inicia-se com a) o discurso de Etéocles aos soldados que se prontificavam a defender as muralhas da cidade; segue com b) o coro de mulheres que, em desespero, se lançam temerariamente ao estatuário para cantar em clamor aos deuses e deusas; c) passa aos anúncios dos mensageiros espiões que haviam saído em missão de averiguar as condições de batalha do exército invasor; e d) finaliza com a descrição do resultado da batalha. No percurso desses quatro momentos, Ésquilo passa ao leitor (e espectador), as noções da relação do povo com a guerra e a visão de um guerreiro diante da batalha eminente.

Fato curioso é que Ésquilo foi um grande combatente, “[...] não podemos esquecer que Ésquilo teve participação destacada na batalha de Maratona. O epigrama de sua tumba em Gela menciona sua atividade militar e silencia sobre sua vasta produção literária (perto de noventa peças criadas ao longo de mais ou menos trinta anos de atividade)”⁴, e essa experiência de campo é certamente o divisor de qualidade descritiva das cenas de batalha, fazendo par às descrições homéricas na *Odisséia*. Ler o drama em questão é sentir na pontuação e nos diálogos que ora tomam o tom de discurso ora de debate ofegante, o nervosismo das mulheres que só podiam travar o combate no campo celestial, com suas preces e danças rituais, a bravura fria e racional do rei-general Etéocles, a esperança do mensageiro que traz novidades alvissareiras de sua espionagem e a melancolia das irmãs de Etéocles e Polinices que, ao fim da batalha, choram os corpos mortos dos irmãos amaldiçoados em tempos idos.

¹ Escrito algumas vezes em sua forma latina (*aether*), a chamada *quintessência* era aquilo ao qual se nomeava (ou seja, dava-se a conhecer ao homem) e que tinha como presença física, ainda que incorpórea, na ocupação do espaço acima dos céus e também (talvez principalmente) como elemento componente de fórmulas que buscavam entender tudo o que é invisível no mundo físico mas que gera consequência, como gravidade, magnetismo e atração. Ver <https://aether.lbl.gov/www/classes/p10/aristotle-physics.html>

² ÉSQUILO. *Sete contra Tebas*. Editora 34. São Paulo, 2018. Tradução de Trajano Vieira.

³ O termo “alienígena” foi utilizado por Trajano Vieira em diversas obras traduzidas do grego, inteligentemente como sinônimo de “estrangeiro”, porém mais propício em um tempo marcado por diversas cidades espalhadas ao longo de um território, mas que, não obstante, compunham uma mesma cultura. Assim, uma invasão alienígena não apenas é uma invasão por quem está *extramuros*, mas sim por quem pertence a uma outra cultura. Vê-se em *Sete contra Tebas*, o medo do coro das mulheres ao se verem prestes a ser escravizadas por esses alienígenas nos versos 166-172.

⁴ Trajano Vieira em “Pintura trágica”.

A construção das personagens e da trama

Etéocles e Polinices eram filhos de Édipo com Jocasta. Édipo, o personagem mitológico que mata inadvertidamente o próprio pai e se casa, também sem saber, com a própria mãe⁵. Entendendo tardiamente o acontecido, o infeliz fura os próprios olhos e abandona a cidade de Tebas, amaldiçoando os filhos que lhe negaram ajuda, filhos esse que entram então em combinação para governar alternadamente a grande cidade cádmia. O acordo não dura por muito tempo e finda com Polinices exilado em Argos por Etéocles, que se torna rei de Tebas.

Esse cenário dramático é o suficiente para que Ésquilo possa trabalhar e dispor diante dos olhos do espectador-leitor o próprio drama do mundo helênico, um mundo de guerra onde se vive constantemente em estado de alerta, à espera de uma invasão bárbara. É com essa estrutura psíquica que o autor apresenta o coro em *Sete contra Tebas*, formado exclusivamente por mulheres que, durante a batalha, não encontram outra forma de auxiliar no combate que não correndo aos deuses e dançando em louvor a Ártemis e clamor a Ares. Essa postura, ainda que não diretamente envolvida no combate aos invasores, recebe forte reprimenda de Etéocles, pois

*O que se vê agora é caos e correria;
Vosso clamor instaura pânico e apatia*⁶

E

*O que se faz fora de casa é coisa do homem;
Cabe à mulher ficar no lar sem estorvar*⁷

Esse é o mundo helênico de guerra constante, com o poder necessário sendo o poder militar e intelectual, estando as mulheres envolvidas unicamente com o núcleo familiar, enquanto o núcleo comunitário – o ginásio de esportes e a Ágora – lugares exclusivamente masculinos. Entender esse pano de fundo é vital para se entender por que o mundo helênico é focado totalmente na figura masculina, e porque tanto a relação militar quanto intelectual envolviam a pederastia. Um mundo onde todas as forças estão envolvidas na filosofia e na guerra não pode resultar em virtude “Porquanto está escrito: *destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos homens cultos*”⁸.

O mundo helênico é um *novo mundo*, onde até então o homem se organizava em impérios monárquicos, estrutura fragmentada com o avanço de Alexandre Magno sobre o oriente, que deixou atrás de si um rastro de desunião tal que nem mesmo seus conquistadores permaneceram aliados. Nesse novo mundo pós-alexandrino, inicia-se um processo de centralização populacional em grandes centros urbanos que funcionavam tanto como pólo aglutinador político, onde a intelectualidade se unia aos políticos para construir uma comunidade inteligente que se destaca-se no mundo, como também atuava a *pólis* como um campo referencial militar, para onde acorriam os mensageiros das cidades próximas a pedir ajuda em momentos difíceis.

⁵ O argumento trágico da ação apocalíptica desavisada é utilizado em outras peças pois constava da própria formação mítica grega. Héracles mata a esposa e os próprios filhos na obra de Eurípides, e o próprio Zeus é a divindade soberana que tem a vida marcada por consequências inimaginadas de atos executados no repente.

⁶ V. 191, 192.

⁷ V. 200, 201.

⁸ I Co 1:19

O tempo e o celeste na filosofia clássica

A filosofia nesse mundo trabalha em dois sentidos: *retorno e avanço*, tentando entender a origem de todas as coisas; e *terra-céu*, buscando compreender as relações entre o que está na terra com o que está nos céus. Por isso, a ideia de que o mundo é uma sequência infinita de repetição (no singular) – ideia essa que será sistematizada no séc. XIX por Nietzsche com o postulado do Eterno Retorno –, está errada em sua essência, é falsa. O mundo não é uma repetição eterna, representada pelo *ouroboros* (Figura 1), mas sim um sequência sempre inédita de realidades contidas em uma mesma eternidade, e assim, repetitivas ainda que desordenadas. Daí a compreensão perfeita do rei Salomão quando diz “O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol”⁹.

Figura 1 – A eternidade em repetição e a eternidade repetitiva



Os filósofos gregos entendiam tanto a horizontalidade cósmica quanto a verticalidade. Não apenas a *linha do tempo* era prezada na vida do filósofo como também o fio condutor terra-céu. Essa relação composta entre dois eixos (Vertical e Horizontal) era também componente da formação do homem completo (Erudito e Belo), da *pólis* (democrática e oligárquica) e de todo o mundo ontológico. Aristóteles revela:

O movimento do intelecto é o pensamento e o movimento do círculo é a locomoção circular; e se, de fato, o pensamento fosse locomoção circular, também o intelecto seria o círculo, do qual a locomoção circular seria o pensamento. Mas, então, o que pensaria sempre? (Pois deveria, uma vez que a locomoção circular é eterna).

E segue

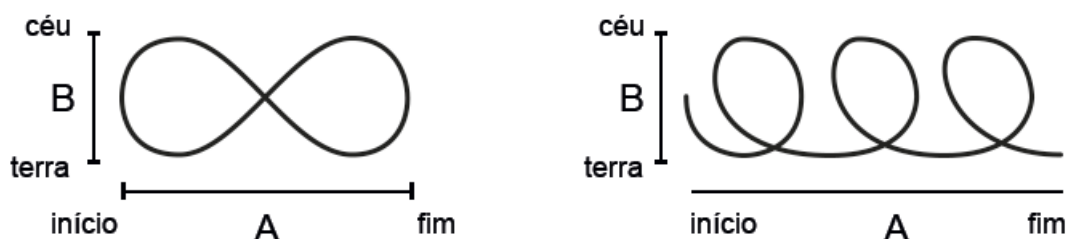
[...]Nem a substância da alma é causa do locomover-se em círculo – mas ela se move assim por acidente –, nem o corpo é causa, mas antes a alma. E, na verdade, tampouco se diz que é melhor assim, embora fosse preciso que o demiurgo fizesse a alma locomover-se em círculo pela seguinte razão: que é melhor para ela o mover-se do que o repousar, e mover-se deste modo e não de outro¹⁰.

⁹ Ec 1:9 ACF

¹⁰ ARISTÓTELES. De Anima. 407^a19 e 407b5.

Dessa forma, podemos avançar na compreensão da cosmovisão grega com a Figura 2:

Figura 2 – Movimento da eternidade em repetição e da eternidade repetitiva



Vemos aqui que no primeiro símbolo está representada a leitura (errônea segundo a filosofia clássica) de que o tempo (A) tem um início delimitado (início) e um fim delimitado (fim), sendo a existência eterna não por ser infinita, mas por ser eternamente repetida, é uma eternidade delimitada sempre dentro do mesmo círculo. Já no segundo símbolo, o início não é delimitado, ele aconteceu em algum momento, e termina também sem delimitação pois acontece[rá] também em qualquer momento (“quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai”), não se tornando repetitivo em ambiente delimitado, mas repetitivo por repetir padrões – comportamentais, climáticos, causais, objetivos. Em ambos os símbolos a única realidade idêntica é a verticalizada, onde definitivamente há um ponto fixo estabelecido (B) terra e céu, sendo indiscutível um ponto de partida Homem e um ponto de chegada Deus.

Repito aqui o que já foi anunciado nas aulas de teatro grego: no mundo anterior à Era Cristã, é o universo religioso que fornece os símbolos para o universo artístico, o homem cria a partir do invisível; apenas depois, ao longo da Era Cristã, o homem caminhará rumo ao Iluminismo com o universo religioso não mais fornecendo símbolos para novas realizações artísticas, mas o universo artístico fornecendo seus símbolos para a vida prática, a única conhecida da sociedade urbana moderna.

A Justiça e a cidade

Nesse novo mundo onde a força militar encontra a necessidade da força intelectual, com as mulheres responsáveis pela manutenção do núcleo humano essencial, o lar, e o homem lutando na frente evolutiva de seu povo, a expansão geográfica, temos o advento da *pólis* como o centro da discussão filosófica. Assim, passa-se a buscar conhecer dentro do da virtude a forma justa de governar a comunidade, e temos então obras tanto poéticas quanto filosóficas de abordagem social, além de individual. Em Sófocles, quando Dejanira, a esposa traída de Hércules, descobre que seu esposo colocou a amante dentro da própria casa, diz

*Não tenho nada a acrescentar. Eu temo
 ser prematuro reafirmar que o amo
 antes de conhecer seu sentimento.¹¹*

A postura de Dejanira trouxe à sociedade helênica um debate que, obviamente, já estava posto, mas não recebera ainda a projeção artística em um universo dominado por poetas do sexo masculino. Dejanira é a personagem que passa a falar sobre o divórcio não apenas como

¹¹ SÓFOCLES. As traquinias. V. 630-633.

ferramenta jurídica de dissolução matrimonial masculina, mas também feminina, disponível à mulher traída. Em um mundo onde os homens não apenas se relacionavam com as mulheres mas também eram assediados com uma proposta libertina de desenvolvimento heróico por meio da união com outro homem, dar voz ao drama feminino que estava relegado ao lamento no silêncio do lar, era tratar com a comunidade e não mais apenas com o indivíduo.

Dessa nova abordagem vem também um movimento filosófico que poderia ser montado à uma renascença helênica do Direito Religioso hebreu, quando em A República, o ilustre arauto de Sócrates, Platão, discorre em debates entre amigos que buscam entender o que é a justiça, e qual forma de governo é mais benéfica à sociedade e eficaz ao povo. Defende o filósofo que não apenas os governantes devem ser remunerados por seu trabalho como também castigados, em caso de recusa ao serviço público. Diante da incompreensão dos ouvintes quanto à possibilidade do castigo, a justificativa vem certa:

A ambição e a cobiça são tidas como vergonhosas. Por isso os bons não querem governar nem por dinheiro nem em troca de honras; nem reclamando abertamente uma recompensa pelo exercício de seu cargo querem merecer o nome de assalariados, nem o de ladrões retirando-a subrepticamente da fazenda pública. E tão pouco lhe interessam as honras, porque não são ambiciosos. Precisam, pois, ser induzidos e coagidos a governar pelo temor ao castigo. E é essa talvez a razão de se considerar indecoroso o pleitear o governo em vez de ser forçado a ele.¹²

Pensar a sociedade na filosofia clássica não é pensar o governo dos príncipes como teremos em 1532 com Maquiavel e 1536 com João Calvino. Enquanto o primeiro autor dirige-se a um príncipe imaginário, o que expande sua obra a todos os governantes do mundo até hoje, o teólogo francês escreve diretamente ao rei Francisco I (conhecido como “Rei-Cavaleiro”), visando seu bom governo sobre o Império Francês. Platão foi por caminho diferente, começou trabalhando em uma era de política primária, ainda recheada de práticas e costumes dos grandes reinados do mundo mediterrâneo e das lendas egípcias, árabes e chinesas. Enquanto a mesa de trabalho estava composta por reis e cavaleiros, a mente do grande filósofo se dirigia a uma nova comunidade onde o desejo (e não a opinião) da população seria ouvida pelo governante. É a essa tarefa que se dedicava grande parte do pensamento na filosofia da Grécia antiga, e a matéria-prima da construção da *pólis* não poderia ser outra que não a Virtude, o emanar valoroso¹³.

Conclusão

Entendendo como os gregos lidavam com a origem de todas as coisas, as relações humanas e as relações com o divino, e como buscavam organizar a vida em sociedade, temos um panorama abrangente, ainda que por óbvio superficial, da cosmovisão grega dos séculos VII-IV a.C. Passaremos agora a uma nova série de aulas aprofundando-nos nessa mentalidade que marcou a história intelectual humana.

Fernando Melo
Brasília, 6 de novembro de 2021

¹² PLATÃO. A república.

¹³ Na filosofia platônica ficam conhecidas as quatro virtudes cardinais ou principais, são elas a Sabedoria (capacidade de tomar decisões corretas), a Fortaleza (ou coragem, a capacidade de vencer o medo e o perigo) a Temperança (autocontrole) e a Justiça (a ação de fazer o que é correto, dando a cada um o que lhe é devido).